

Revista de Literatura,
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto Latino-
americano e Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 31 – 2022

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 403-414

O NARRADOR DE FUTHI NTSHINGILA NO
ROMANCE *SEM GENTILEZA*

The narrator of Futhi Ntshingila in *Sem Gentileza* novel

Ronelson Campelo Silva¹

RESUMO: Este estudo objetivou analisar a compleição do narrador do romance *Sem Gentileza* (2016), de Futhi Ntshingila, com o intuito de apresentar reflexões teóricas sobre o tipo de narração presente na obra — ambientada na África do Sul, no período que foi institucionalizado o *Apartheid* no país —, a fim de discorrer sobre o posicionamento do narrador no enredo construído pela autora Futhi Ntshingila. Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se pela pesquisa descritiva, explicativa e bibliográfica, para tanto, amparando-se nos teóricos dos Estudos da Narrativa, tais como Arnaldo Franco Junior (2009), Carlos Reis (2015), Walter Benjamin (1987) e Yves Reuter (2002), além disso, para embasar as

discussões acerca da tipologia do narrador, foram utilizados os pressupostos de Norman Friedman (2002). Ao final, foi possível comprovar a hipótese deste estudo, isto é, que o narrador dominante no texto é o onisciente neutro e que, mesmo na sua neutralidade, ele se preocupa em representar os problemas sociais e políticos decorridos pelo *Apartheid*, contribuindo para que o leitor possa refletir sobre esse momento histórico e suas consequências para a sociedade sul-africana.

PALAVRAS-CHAVE: *Apartheid*; Narrador Onisciente Neutro; *Sem Gentileza*.

ABSTRACT: This study aimed to analyze the complexion of the narrator of the *Sem Gentileza* (2016) novel, by Futhi Ntshingila, in order to present theoretical reflections on the type of narration present in the work — set in South Africa, during the period that *Apartheid* was institutionalized in the country — in order to discuss the position of the narrator in the plot constructed by the author Futhi Ntshingila. For the development of this study, we opted for descriptive, explanatory and bibliographic research, therefore, relying on theorists of Narrative Studies, such as Arnaldo Franco Junior (2009), Carlos Reis (2015), Walter Benjamin (1987) and Yves Reuter (2002), moreover, to support the discussions about the narrator's typology, the assumptions of Norman Friedman (2002) were used. In the end, it was possible to prove the hypothesis of this study, that is, that the dominant narrator in the text is the neutral omniscient and that, even in his neutrality, he is concerned with representing the social and political problems arising from *Apartheid*, contributing to the reader can reflect on this historical moment and its consequences for South African society.

KEYWORDS: *Apartheid*; Neutral Omniscient Narrator; *Sem Gentileza*.

INTRODUÇÃO

Este estudo objetivou analisar a compleição do narrador do romance *Sem Gentileza* (2016), de Futhi Ntshingila, com o intuito de apresentar reflexões teóricas sobre o tipo de narração presente no romance, a fim de discorrer sobre o posicionamento do narrador no enredo

¹ Licenciado em Letras Estrangeiras/Inglês e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: ronelsonpvh@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5430099884766449>.

construído pela autora Futhi Ntshingila. Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela pesquisa descritiva, explicativa e bibliográfica, para tanto, amparando-se nos teóricos dos Estudos da Narrativa, tais como Arnaldo Franco Junior (2009), Carlos Reis (2015), Walter Benjamin (1987) e Yves Reuter (2002), além disso, para embasar as discussões acerca da tipologia do narrador, foram utilizados os pressupostos de Norman Friedman (2002).

O objeto desta pesquisa possui como pano de fundo o regime do *Apartheid* iniciado na África do Sul, em 1953, e finalizado em 1990. Esta espécie de sistema político instituía o preconceito racial, impondo leis como a proibição de casamentos e relacionamentos inter-raciais, locomover-se, no país, com um tipo de identificação que classificava a qual grupo o sujeito pertencia. Também houve a delimitação dos locais onde os negros poderiam residir, sendo esses alocados forçadamente nas regiões rurais, sem saneamento ou infraestrutura (CABRAL, 2020). Na obra é perceptível os locais desoladores onde as protagonistas residem, em contraste com outras regiões que aparentam ser mais desenvolvidas.

A hipótese que norteou este trabalho foi a de que há prevalência do narrador onisciente² neutro e, mesmo na sua neutralidade, ele se preocupa em representar os problemas sociais e políticos decorridos pelo *Apartheid*, contribuindo para que o leitor possa refletir sobre esse momento histórico e suas consequências para a sociedade sul-africana.

Para o alcance do objetivo, inicia-se o estudo com reflexões referentes aos entendimentos a respeito do narrador, em seguida, quanto à tipologia do narrador baseado na classificação proposta por Friedman (2002). Posteriormente, exibir-se-á a biografia da autora e a trama da obra, para, enfim, a partir de alguns excertos extraídos do livro *Sem Gentileza* (2016), realizar a identificação do narrador ou narradores presentes no romance, refletindo, concomitantemente, com o momento histórico do *Apartheid*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O NARRADOR

Os textos narrativos traduzem uma atitude de **exteriorização**, centrada num narrador que conta a história (REIS, 2015, p. 347).

Ao falar de exteriorização, Carlos Reis (2015) refere-se ao ato de descrever e caracterizar um universo autônomo, ou seja, o universo da obra ou do texto criado pelo autor. No mencionado universo, dentre outros elementos narrativos, constam os personagens —

² “‘Onisciência’ significa literalmente, aqui, um ponto de vista ilimitado — e, logo, difícil de controlar” (FRIEDMAN, 2002, p. 173).

incluindo suas ações ao longo do enredo —, tempo e os espaços que compõem a obra, seja em um conto, romance, crônica ou ensaio. Quem possui o papel de apresentar esses componentes do texto é o narrador.

Antes de discutir sobre a “entidade fictícia” (REIS, 2015, p. 353), o narrador, é importante fazermos a distinção entre narrador e autor. Para o teórico Yves Reuter (2002, p. 19) “[o] *escritor* é um ser humano que existiu ou existe, em carne e osso, no nosso universo. Sua existência se situa no ‘não-texto’”. Isto é, o autor da obra, a pessoa quem concebeu a ideia de escrever um texto sobre determinada temática, a ele cabe a decisão de escolher quem ou o que poderá contar/narrar a *diegese*³ do texto, estamos falando do narrador.

No que concerne ao narrador, ele somente “[...] existe no texto e mediante o texto, por intermédio de suas palavras. [...] ele é um enunciador interno: aquele que, *no texto*, conta a história” (REUTER, 2002, p. 19). Isso significa que o narrador unicamente existe quando é lido, em outras palavras, quando seus significantes são materializados pelo leitor. O narrador, dependendo da escolha do autor, poderá narrar e descrever os eventos da trama por meio de diferentes pontos de vista, em certos casos, até conversando diretamente com o narratário.

Em termos gerais, o narratário, assim como o narrador, somente existe no texto e mediante o texto, essa entidade é quem escuta ou lê a história no texto (REUTER, 2002). Para Reuter (2002) o escritor pode — utilizando essa entidade — “[...] construir textualmente a imagem de seu leitor e de jogar com ele, seja qual for o público real que leia o texto” (REUTER, 2002, p. 20-21). O narrador pode dialogar com o narratário, direcionando seu discurso para ele, muitas vezes, identificando-o com pronomes “[...] (o ‘tu’ e o ‘você’, por exemplo) que dão uma forma mais ou menos aparente a quem ‘recebe’ a história” (REUTER, 2002, p. 20).

Ainda sobre o narrador, faz-se importante destacar que ele é “[...] uma invenção do autor; sendo assim, é um *facto* [sic] que o autor pode projectar [sic] sobre o narrador determinadas atitudes ideológicas, éticas, culturais [...]” (REIS, 2015, p. 354-355). O autor, o sujeito criador da entidade fictícia narrador, pode decidir agregar à personalidade do narrador ideias, ideais e ideologias às quais o autor defende. Por exemplo, uma escritora defensora do Movimento Feminista pode criar uma narradora ou narradores que se posicionam, em determinadas situações da trama, chamando atenção e educando os leitores a respeito do movimento.

Nesse sentido, a narradora pode utilizar seu momento de fala para criticar ideais contrários como o patriarcado, temática essa que pode ser inserida na trama, justamente para

³ Para Arnaldo Franco Junior (2009, p. 38) o termo *diegese* corresponde “à noção de fábula, de história narrada [...]”.

haver um contraponto de ideologias. Dessa forma, percebe-se como o narrador é importante para uma obra literária, assim também como concorda o teórico Walter Benjamin (1987) afirmando que a narração é

[...] num certo sentido uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida tirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Assim como um oleiro que molda um vaso, de acordo com a largura, altura e formato que ele deseja, o narrador molda a narrativa, definindo, por exemplo, quem e quantos personagens terão voz, ou se ele será o único dono da “verdade”. Ao tomar essas decisões, a entidade narradora deixa vestígios das “[...] coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata” (BENJAMIN, 1987, p. 205). Isso quer dizer que, a partir desses vestígios, é possível identificar o narrador ou os narradores de uma obra literária constituídos de acordo com a escolha do autor.

Diante dessa perspectiva, o autor pode optar por diversos tipos de narradores, sua opção dependerá da forma em que acredita ser a mais adequada para apresentar o enredo ao leitor. Outra possibilidade que pode influenciar na escolha do narrador refere-se ao quanto a entidade pode revelar de informações a respeito de personagens, da trama, da descrição do espaço, entre outros aspectos. Norman Friedman (2002) classifica os narradores em tipologias, temática a ser discutida na seção seguinte.

TIPOS DE NARRADORES

Friedman (2002) apresenta em seu artigo intitulado: *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*, sete tipos de narradores, cada um deles possui suas próprias características, que são passíveis de serem identificadas em uma obra literária, são eles o narrador: onisciente intruso, onisciente neutro, “Eu” como testemunha, onisciência seletiva múltipla, onisciência seletiva, o modo dramático e o narrador-protagonista.

O narrador onisciente intruso apresenta uma narração na qual é detentor de todas as informações a respeito dos personagens, tendo o poder de controlar o passado, o presente e o futuro, o que, conseqüentemente, demonstra que já está ciente de todas as ações e atos dos personagens. Para Friedman (2002), esse tipo de narrador é “livre não apenas para informar-nos as idéias [sic] e emoções das mentes de seus personagens como também as de sua própria

mente” (FRIEDMAN, 2002, p. 173). A partir disso, a entidade tece comentários ora a favor, ora contra o protagonista, também, busca um diálogo com o narratário, em certos momentos, tentando convencê-lo do seu próprio ponto de vista. Suas intromissões ao longo do texto “podem estar relacionadas com a história ou não” (FRIEDMAN, 2002, p. 173).

Friedman (2002) considera narrador onisciente neutro a entidade que possui a seu dispor todas as informações necessárias para narrar os acontecimentos do enredo — assim como o narrador onisciente intruso —, entretanto, conforme afirma Friedman (2002), essa entidade não realiza “[...] intromissões autorais diretas” (FRIEDMAN, 2002, p. 174) no texto, o referido narrador apenas narra, de modo impessoal, utilizando-se da terceira pessoa, o que permite aos personagens falarem e agirem por conta própria, sem interferências externas.

O próximo narrador é o intitulado “Eu” como testemunha. O teórico Friedman (2002) aponta que o “narrador-testemunha é um personagem em seu próprio direito *dentro* da estória, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa” (FRIEDMAN, 2002, p. 175-176). Vale destacar que esse tipo de narrador não é o protagonista, ele está apenas testemunhando os fatos que ocorrem, um bom exemplo é o narrador-testemunha Watson, criado pelo escritor Arthur Conan Doyle. Watson está geralmente ao lado do protagonista e — de acordo com o seu olhar e a sua interpretação — descreve as investigações do personagem principal Sherlock Holmes, conforme apresentado em *Um Estudo em Vermelho* (2013).

Diferente do narrador testemunha, o foco agora é direcionado ao protagonista. Esta entidade chamada de narrador protagonista pode descrever e participar das ações de tudo que ocorre ao seu redor, todavia somente possui conhecimento daquilo que ocorre próximo e com ela, conforme relata Friedman (2002), esse tipo de narração “encontra-se quase que inteiramente limitado aos seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções” (FRIEDMAN, 2002, p. 177). Ou seja, a entidade narrador-protagonista não consegue definir o que os outros personagens estão pensando, podendo apenas supor emoções e sentimentos transparecidos por aqueles que estão perto dela. Além disso, faz uso do pronome em primeira pessoa do singular: “Eu”.

Vale salientar que, para Friedman (2002), tanto o “Eu” como testemunha quanto o narrador protagonista estão centrados na mente de determinado narrador, o que difere do próximo tipo de narração, a onisciência seletiva múltipla, neste prisma,

[...] a estória vem diretamente das mentes dos personagens à medida que lá deixa suas marcas. Como resultado, a tendência é quase inteiramente na

direção da cena, tanto dentro da mente quanto externamente, no discurso e na ação; e a sumarização narrativa, se aparece de alguma forma, é fornecida de modo discreto pelo autor, por meio da ‘direção de cena’, ou emerge através dos pensamentos e palavras dos próprios personagens (FRIEDMAN, 2002, p. 177).

Em outras palavras, o enredo vai sendo apresentado por meio da direção de cena⁴, conforme o desenvolvimento da diegese, por exemplo, a descrição dos espaços contidos na obra é feita pela mente do personagem que está presente em cena, semelhante ao narrador onisciente seletivo, que se focaliza em apenas um personagem. A escritora Virgínia Woolf utiliza-se desse narrador no conto *A Marca na Parede* (2015), no qual toda a história ocorre por meio dos pensamentos de um personagem, sem nenhum tipo de diálogo e fazendo uso unicamente do discurso indireto livre.

No narrador modo dramático, as informações da diegese são disponibilizadas quase que exclusivamente por meio das ações e falas dos personagens, bem como a descrição do enredo e do cenário. Nesse tipo de narração, o leitor não consegue ter certeza sobre o que os personagens estão sentindo ou pensando, o leitor somente pode inferir algo mediante os diálogos apresentados na obra (FRIEDMAN, 2002).

Por último, Friedman (2002) descreve o narrador tipo câmera, cujo objetivo é o de transmitir as cenas — sem demonstrar uma seleção ou organização aparente —, um pedaço da vida da maneira como ela acontece (FRIEDMAN, 2002), assim como uma câmera fotográfica, registrando determinado momento. Dessa forma, ao realizar a leitura do texto, o leitor terá a impressão de que não há ninguém contando a história.

Para concluir esta etapa da pesquisa é importante destacar que, nas obras literárias, o que se pode identificar é a prevalência de um narrador, significando que, no mesmo texto, é possível identificar outros tipos de narradores, o que pode ser comprovado a partir dos excertos que foram selecionados e analisados neste estudo. Antes de adentrar na análise em si e em razão de o objeto de pesquisa tratar-se de um texto literário, faz-se necessário discorrer sobre a autora Futhi Ntshingila e o enredo do romance *Sem Gentileza* (2016), pois as informações poderão auxiliar na identificação do narrador e como ele se insere no espaço da obra.

AAUTORA FUTHI NTSHINGILA

A escritora sul-africana Futhi Ntshingila é jornalista e Mestra em Resolução de

⁴ “Trata-se de passagens textuais que se caracterizam por uma forte visualização, acompanhadas principalmente de falas de personagens e de um excesso de detalhes” (REUTER, 2002, p. 60-61).

Conflitos, nasceu em 1974, na cidade de Pietermaritzburg, atualmente, reside na capital administrativa Pretória e possui duas obras publicadas *Shameless* (2008) e *Sem Gentileza* (2016). “Sua literatura é dedicada à preservação da memória de mulheres cujas trajetórias foram historicamente ignoradas” (NTSHINGILA, 2016, orelha do livro), o que revela o engajamento da autora com o Movimento Feminista, ideal este refletido nas suas personagens femininas.

A OBRA SEM GENTILEZA

As protagonistas residem nos guetos da África do Sul vivendo em condições precárias: a adolescente Mvelo e sua mãe Zola lutam dia a dia pela sobrevivência. Zola é soropositiva e falece deixando sua filha Mvelo (que foi violentada sexualmente), esperando uma criança. Após a morte de sua mãe, Mvelo vê-se em uma situação difícil e decide abandonar o bebê em uma casa localizada em uma região mais rica da cidade.

A partir desse momento, há uma pausa no enredo, a narração volta aos anos de 1990 para contar a história de Zola, que engravidou, prematuramente, ainda na escola, e perdeu seu companheiro em um acidente. Seu pai a expulsou de casa logo após o nascimento do bebê, que futuramente seria a Mvelo. Ela passou a residir com uma tia, que tinha um bar, e, depois de três anos, conheceu o Siphó, um advogado, e, em seguida, começaram a viver juntos. Mvelo o via como um pai. Depois de anos morando juntos, o casamento começa a apresentar problemas devido a indiferenças e desconfianças. O narrador, após esses eventos, retorna, aos poucos, para o presente, contando o destino de Mvelo e seu bebê.

ANÁLISE DO NARRADOR

Na obra *Sem Gentileza* (2016), foram identificados dois tipos de narradores que correspondem aos postulados descritos por Friedman (2002), classificados como narrador onisciente neutro e narrador onisciente intruso, tendo como prevalência o narrador onisciente neutro.

O narrador onisciente neutro é uma entidade externa ao texto tendo como posicionamento a terceira pessoa. O narrador observa e descreve os acontecimentos e as ações dos personagens, sem qualquer intrusão, e, apesar de ter predileção pela cena, em alguns momentos, outorga espaço para os personagens agirem e falarem por eles mesmos (FRIEDMAN, 2002), conforme demonstrado no excerto a seguir:

Os líderes começaram a fazer perguntas sobre aquela garota que tinha dom para o canto. As respostas sempre vinham sob a forma de sussurros. ‘É a filha da Zola. Sim, aquela que está com a doença das quatro letras’. A lábia de maDlamini entrava em cena para quem quisesse ouvir sobre os sofrimentos que as duas passavam nos barracos (NTSHINGILA, 2016, p. 12).

Como observado nesse excerto e em outras passagens do texto, o narrador descreve o ambiente em que ocorre a cena com sua “própria voz” (FRIEDMAN, 2002, p. 175), e, em seguida, dá a liberdade de fala para um dos personagens. No excerto em questão, o narrador atribui a uma personagem a responsabilidade de revelar a doença que a mãe de Mvelo estava acometida. O flagelo que assombrava a todos, no período em que a história foi ambientada. Como observado, a doença era tão terrível e fora de controle que as pessoas tinham medo de nomeá-la. A síndrome da imunodeficiência adquirida – Aids, a doença das quatro letras, que ceifou a vida de Zola e deixou a personagem Mvelo órfã. Outro excerto da obra que caracteriza o narrador onisciente neutro é individuado:

Zola refez as malas e pediu para voltar imediatamente. ‘Eu ouvi tudo, Sipho. Desculpe por ter insistido para vir aqui. Eu estava errada. Vou poupar sua mãe do fingimento’. Ela ficou surpresa de ver o quanto era doloroso ser rejeitada por esta mulher que nunca havia encontrado antes. A próxima vez que veria a mãe de Sipho seria anos depois, e em circunstâncias muito diferentes (NTSHINGILA, 2016, p. 54).

Essa passagem revela como o narrador é detentor de todos os fatos, tendo o acesso ao presente, passado e futuro, uma vez que ele prepara o narratário para futuros acontecimentos que ocorrerão na vida das personagens. Além disso, o narrador possui acesso ao pensamento de cada uma delas, conforme o excerto seguinte,

‘Então, quem é o pai? É por isso que você saiu da escola?’, Nonceba quis saber. Mvelo não respondeu. Estavam comendo peixe com batata, sua comida favorita. Nonceba tinha se lembrado. Foi o que Mvelo pensou enquanto devorava o prato, esquecendo completamente o seu orgulho próprio (NTSHINGILA, 2016, p. 142).

Em diversos momentos, como supraelencado, o narrador sumariza o que o personagem está pensando. E, por ter esse poder onisciente, pode controlar o tempo da narrativa, Friedman (2002) destaca que, nessa perspectiva, “a estória pode ser vista [...] de um vantajoso e como que divino ponto além do tempo e espaço” (FRIEDMAN, 2002, p. 173), assim, pode-se afirmar que a obra em questão não segue uma linha cronológica definida; em diversos momentos, o narrador realiza o que Junior (2009) nomeia como analepses, em outros termos, “recuos no

tempo que permitem a recuperação de fatos passados” (JUNIOR, 2009, p. 47) para demonstrar ao narratário o porquê de alguns personagens chegarem em determinadas situações. Esta ação é visualizada no excerto subsequente em que o narrador volta no tempo, no período em que o *Apartheid* ainda estava oficialmente institucionalizado na África do Sul,

Influenciados por Gandhi e por Martin Luther King Jr., transgrediam as regras pacificamente. Quando eram abordados e retirados à força de bancos destinados apenas para os brancos, começavam a cantar e a dançar. Zimkitha adorou aquilo, mas um trabalho mais sério estava acontecendo nos bastidores (NTSHINGILA, 2016, p. 82).

A política de segregação racial apresentada pelo narrador revela como, até nos espaços mais comuns, o regime estava presente, por exemplo, havia locais demarcados “somente para brancos”, como escolas para brancos e negros. Nas escolas eram ministrados conteúdos diferentes, específicos para os negros visando mantê-los na classe trabalhadora, além disso, o acesso à universidade era proibido para eles. Também foram demarcados lugares como bancos de praças, hospitais, restaurantes (CABRAL, 2020), assim como bebedouros e bares, conforme descrito no excerto que segue, em certo momento, quando o narrador de Ntshingila dá voz a um dos personagens,

Você entrou num bar onde só os garçons — e não os clientes — eram negros. [...] Nós éramos apenas rostos brancos bebendo cerveja, e você estava com suas amigas, brancas liberais, causando encrenca ao entrar em um bar onde você sabia que a entrada não era permitida (NTSHINGILA, 2016, p. 84).

Os excertos citados revelam o narrador onisciente neutro no texto, pois ele repassa as informações ao leitor sem nenhum tipo de tratamento, apenas, descrevendo-as. Entretanto, apesar da prevalência da narração neutra, ainda é possível identificar no texto, em alguns momentos, o narrador tecendo comentários sobre os eventos e julgando alguns dos personagens, conforme segue:

Teria que pensar como adulta para manter sua mãe viva. Estava em meio a escuridão. Um dia, acordou e resolveu não ir mais à escola. Qual era o sentido? Assim que descobrissem que sua mãe não poderia mais pagar, iriam expulsá-la de lá de qualquer maneira (NTSHINGILA, 2016, p. 9).

No excerto, o narrador realiza uma pergunta ao narratário sobre o porquê de Mvelo não mais frequentar a escola. O discurso do narrador, primeiro, reforça o poder de onisciência da entidade, pois, em nenhum momento, a personagem comenta o motivo do abandono das aulas

escolares, o narrador é quem se posiciona e responde por ela. E, segundo, a entidade deixa uma marca de intrusão no texto com uma pergunta e resposta, o que remete ao narrador onisciente intruso, revelando sua presença com “intromissões e generalizações autorais sobre a vida, os modos e as morais, que podem ou não estar explicitamente relacionados com a estória” (FRIEDMAN, 2002, p. 173).

Pode-se conjecturar que o narrador está justificando a decisão da personagem, que essa seria a única decisão a ser tomada, o que, de certa forma, demonstra apoio e empatia com a personagem. Porém, esse apoio é seletivo, em virtude de que — em certos momentos —, a entidade narradora critica o comportamento de outros personagens, tais como neste exemplo: “As sirenes soaram por todo o caminho, a favela a François Road. Se quiser ver um marmanjo assustado, mostre a ele a uma mulher grávida prestes a dar à luz, sem ninguém por perto para ajudá-la. Clearman estava tremendo e não conseguia falar” (NTSHINGILA, 2016, p. 32-33).

O narrador tece uma opinião sobre Clearman, que mesmo tendo demonstrado ser tão forte no início do romance, auxiliando Mvelo no enterro da mãe, em outras situações, como no parto, revela certa fragilidade. Isso remete ao que foi comentado no excerto anterior, em razão do narrador transparecer uma opinião favorável às mulheres, que, no âmbito deste romance, não são tratadas e reconhecidas no que concerne aos direitos políticos e sociais, se comparadas com os homens.

Como mencionado, na obra, há a dominância de um narrador neutro com o acréscimo, em certas circunstâncias, de um narrador com características intrusivas. Desta forma, essa escolha de narração proporcionou à autora Ntshingila a possibilidade de representar e demonstrar, por meio da ficção, o momento histórico do *Apartheid*, tendo o narrador onisciente neutro como entidade facilitadora para descrever, quando oportuno, esse regime segregacional.

O narrador neutro foi primordial para revelar diversas perspectivas sobre um mesmo momento, tendo como artifício a manipulação do tempo, destarte o leitor poderá emergir tanto no passado quanto no presente e ter vislumbres do futuro das personagens. Todos esses fatos nos levam a concluir que a obra dialoga com o momento histórico do *Apartheid* vivenciado/imposto pelos/aos sul-africanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tipo de narração por parte da autora, talvez tenha se dado pelo fato de o leitor poder aprofundar-se em todos os cenários possíveis que cada personagem pode dispor, visto que, caso a autora optasse pelo narrador-protagonista, o público teria a perspectiva de

apenas uma personagem, sem a possibilidade de regredir no tempo e, dessa forma, conhecer os eventos que moldaram e influenciaram nas decisões de personagens esféricos como Siphon, Mvelo e Zola.

Referente ao país, a África do Sul foi apresentada, pelo narrador, sob diferentes óticas, tendo o *Apartheid* como pano de fundo central, e mesmo que a história inicie na época em que o regime foi abolido, são perceptíveis as consequências, os resquícios deixados, afetando principalmente as mulheres negras, que são assombradas pelo estupro e, conseqüentemente, pelo vírus do HIV.

Portanto, a estratégia utilizada pelo narrador revela sua preocupação em demonstrar como a sociedade sul-africana tem passado por flagelos, desde o seu passado, todavia personagens femininas como Zola “[...] mantém-se sólida e determinada a seguir seus próprios princípios” (NTSHINGILA, 2016, orelha do livro), demonstrando a resiliência e resistência para enfrentar as mais diversas dificuldades.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a Literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

JUNIOR, Arnaldo Franco. Operadores de leitura da Narrativa. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.

CABRAL, Danilo Cezar. O que foi o Apartheid, na África do Sul? *In*: **Super Interessante**. 14 fev. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-apartheid-na-africa-do-sul/>. Acesso em 18 de abr. 2021

DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166/182, março/maio 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33195/35933>. Acesso em: 18 abr. 2021.

NTSHINGILA, Futhi. **Sem gentileza**. Tradução de Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

NTSHINGILA, Futhi. **Shameless**. University Of KwaZulu-Natal Press, 2008.

REIS, Carlos. **O conhecimento da Literatura**: introdução aos Estudos Literários. Coimbra: Edições Almedina, 2015.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**: o texto, a ficção e a narração. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

WOOLF, Virgínia. **A marca na parede e outros contos**. Tradução de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

Recebido: 26/11/2021

Aprovado: 01/06/2022